

## Como Pensar a Formação Psicanalítica em seus Quatro Eixos?

<sup>1</sup>Valéria Rodrigues Silveira

Vou iniciar contando o sonho que tive esta noite. Dormi pensando nos detalhes do nosso Regional Sul e confesso que um tanto preocupada com esta mesa sobre as Fendas na Atualidade. Em meu sonho *estávamos em nosso encontro, mas todos na sala de minha casa. Cada um com seu computador no colo. Na mesa de abertura a Aline Wageck cita o mesmo texto do Zemerman que está na minha apresentação e eu penso: “Nossa! Que sintonia este encontro! Ela poderia ter trazido muitos outros autores, mas buscou o mesmo tempo!”*. Neste clima acordei impressionada com o sonho, pois acredito que ele fala muito desse nosso momento de estarmos presentes e próximos ainda que em distanciamento social. Ainda, conto a vocês que ontem na Reunião Científica que tivemos na Sociedade Psicanalítica de Pelotas, o texto discutido foi um artigo publicado em 2017 na revista Caliban da FEPAL de um analista da nossa sociedade, o Hermerson Ari Mendes. O artigo do Hemerson que tem como título *“(So)mente a tela de computador?!”* tratava da invasão da tecnologia nas salas de análise, isso muito antes desse 2020. Como repercussão da discussão sobre o texto, um outro colega compartilhou no grupo de Whatsapp da SPPEL uma citação do Gabo e com ela quero alinhar meu sonho ao tartigo já de alguns anos atrás com nosso momento e esse nosso encontro virtual: *“La distancia no es un problema. El problema somos los humanos, que no sabemos amar sin tocar, sin ver o sin encuchar. Y el amorse siente con el corazón, no com el cuerpo”* (Gabriel García Márquez).

Bem, mas me toca como tarefa nesta mesa propor alguns pontos de reflexão para seguirmos discutindo mais adiante. Meu desafio é poder começar uma costura, ou seria melhor o termo *alinhar*? Uso muito essa palavra no consultório e na vida no geral. Afinal, é por ai que se começa uma boa costura. Assim, assumo a função e desafio de *alinhar* algo entre as fendas na atualidade e os quatro eixos da nossa formação.

Do dicionário, fenda: abertura estreita e alongada surgida acidentalmente ou feita de maneira proposital; rachadura, fissura, ranhura. No meu imaginário, filha de

---

<sup>1</sup> Psicóloga; Analista em Formação pelo Instituto Sérgio Abuchaim da Sociedade Psicanalítica de Pelotas e Representante ABC da SPPEL

mãe costureira que sou, daí o termo “*alinhar* que tanto uso” me vem a ideia de fendas de saias, vestidos, algo que dá estilo, um detalhe que diferencia, dá charme às roupas. Pode ser essa uma visão mais criativa ou ingênua sobre as fendas. Não sei. Bem, mas elas, as fendas, podem ser acidentais, trazerem sofrimento. Momentos traumáticos podem trazer fissuras profundas, rompimentos.

Queridos colegas, que 2020 é esse? Confesso que propositalmente estou me esforçando para não utilizar as palavras: “pandemia”, “tempos de isolamento”, “corona vírus”, “covid-19” “vicissitudes de seguirmos apesar desse momento”, muito em consideração e a pedidos do Rafael – colega que compartilhou comigo, Monica, Fabiana e Karla, a tarefa de organizar esse encontro. Brincadeiras à parte, questiono se quero negar o momento, tentando ocultar tais palavras. No entanto, acredito que meu esforço passe por meu desejo de conseguir manter minha capacidade de pensar, de poder transformar esses transtornos todos em um espaço para a criatividade. Adoro Winnicott, meu autor transicional nesse momento eu acho. Estar aqui com vocês é pura vontade de viver e de encaminhar, seguir a formação psicanalítica, seguir a vida, apesar deste *Estranho 2020*. Ainda que por vezes a exaustão tome conta de meu corpo e mente. E que as reuniões pra organizar esse regional tenham necessitado serem regadas a vinho na maioria da vezes... elas ocorriam nas sextas à noite.

Deixem-me, então, tentar alinhar esse 2020 fissurado (com toda ambiguidade do termo colocado aqui) com nossa formação. Gente, como pensar a formação em seus quatro eixos? Como mantivemos até aqui, ou ainda, como ficarão os seminários teóricos, a análise pessoal, a supervisão de casos e a vivência Institucional após este período? Compartilho que os seminários terminei em dezembro de 2019. Atentem que, logo, estou em pleno luto pelo fim do que parecia inacabável há algum tempo. Apesar no momento de luto, fica aqui minha total solidariedade a todos os colegas que ainda não terminaram seus seminários, pois sabemos todos o quanto nos demanda. No meu podium pessoal de solidariedade e empatia está a turma de 2020 da SPPEL. Aqui em Pelotas nosso tempo é um tanto diferente da maioria das sociedades. Temos apenas uma turma a cada quatro anos. Eles tiveram um seminário presencial e stop! Pensando-me neste momento, se eu fosse dessa turma me vem: angústia, terror sem nome, sei lá... o pensamento de que “de repente uma pandemia mundial resolveu acontecer” no ano em que se inicia algo

que em “condições normais de temperatura e pressão” já é por si só um gerador de angústias. Refiro-me aqui ao quanto a formação em seus quatro eixos envolve renúncias, desafios, enfrentamentos... Escolhemos uma formação institucional, com a fantasia talvez de amparo e aos poucos vamos descobrindo que na verdade o caminho é individual, em grupo sim também, mas o caminho é a sós. Pra lidar com essa realidade, vamos nos encontrando, formando laços, sentindo-nos amparados pelos pares. Aqui fica evidente a importância da vivência institucional.

Para não me estender e fazer o alinhavo ao qual me propus quero compartilhar com vocês uma das minhas vivências institucionais. Alguns aqui sabem que faço parte como candidata da Comissão de Infância e Adolescência da FEPAL, coordenada nesta gestão 2018-2020 pela querida Beth Cimenti, Membro da SPPA. Nesta sou a única candidata, as demais membros são analistas com muita experiência, de diversos países da América Latina. Além do Brasil, Venezuela, Peru, Colômbia e uma Argentina/Brasileira. Participar desta comissão marca minha formação. Costumo dizer que me inseri no 4º eixo pela fronteira porque minha participação mais ativa na ABC é posterior à área de Infância e Adolescência FEPAL. A questão do momento, no entanto, é: neste *estranho* 2020, as membros desta comissão em sua maioria são do grupo de risco do COVID-19. Assim, eu que sempre me senti bastante amparada por elas, de repente me vejo ali com elas e com tanto medo real de morte quanto elas. Com isto entro em contato com uma realidade bastante dura, através de uma pergunta que me faço mentalmente na nossa primeira reunião após o decreto de pandemia: “e se alguma delas pegar o vírus? E se morrer?” Naquele momento interrompemos a organização do Simpósio de Infância e Adolescência que aconteceria como atividade pré congresso FEPAL em Montevideu. Foram algumas quartas-feiras de elaboração do grupo. Eu redijo as atas das reuniões. Pelo menos por um mês, ou seja, durante 4 reuniões as atas foram muito maiores e formaram um claro processo de elaboração do grupo a respeito dos sentimentos despertados em cada uma naquele momento. Muitas ficaram sem ver seus netos, filhos. Eu com receio em relação aos meus pais, minha avó, e a elas também... e aos analistas da minha sociedade e aos analistas do Brasil e do mundo... A realidade que aparece nessas atas é: muitos colegas da psicanálise são grupo de risco. Rápido todas percebemos a importância que tiveram aquelas quartas-feiras.

Elas foram um momento fundamental, onde o grupo pode ser continente de sentimentos bastante angustiantes de suas membros.

Por outro lado, me percebi também me aproximando de colegas por mensagens de whatsapp e ligação com: “estás atendendo? Como fizeste com os pacientes? Como estão as coisas?” Imediatamente surgiram também propostas da ABC de encontros virtuais e aqui me parece que surge algo que vejo como uma marca do momento: a proximidade social entre colegas aparece como parte fundamental da formação e de uma forma que eu ainda não havia experimentado.

Não esqueci que meu foco é alinhar as fendas da atualidade aos os 4 eixos. Aliás o que eu percebi dos quatro eixos é que passada a ameaça de rompimento inicial, de uma forma ou outra, tudo foi retornando. Aos poucos, em novos formatos, mas retornando. Minha supervisão oficial que havia sido interrompida, retornou por telefone; a análise nunca parou, ainda que desde março sigamos online. O nosso querido grupo de risco psicanalítico, após um tempo necessário para elaboração, que elucidei aqui através da Comissão de Infância e Adolescência, se adaptou ao momento, à tecnologia. Lembro aqui do artigo lido ontem na SPPEL sobre a invasão da tecnologia. Escrito muito antes de ser pela tecnologia a única forma de manter nosso trabalho e a formação.

Em tempo, o que percebi e quero trazer pra pensarmos é o seguinte: diante da fissura, da ameaça de ruptura me parece que o eixo de nossa formação que se fortaleceu, é o que por muito tempo foi ou ainda o é relegado por muitos colegas: o quarto eixo, o institucional. Numa esfera “micro”, porque sei que a Carol vai ampliar para macro daqui há pouco, nossa necessidade pelo social, pelo se relacionar, por trocas, por nos sentirmos próximos em meio a tantas notícias nebulosas, ficou translúcida. A questão que me ocorre para seguirmos discutindo juntos é: será que os 4 eixos são suficientes para nossa formação daqui pra frente? Penso que precisamos de mais. De nos colocarmos mais em contato, de nos aproximarmos. De romper algumas fronteiras. A pandemia é mundial. É social. Como iremos alinhar tudo isso para construirmos costuras consistentes, firmes?

Aqui quero finalizar com meu reconhecimento e total admiração por essa diretoria da ABC. Pra mim, tão fundamental quanto todo o processo que vivi com as analistas de crianças e adolescentes, tem sido perceber a energia e a preservação da capacidade criativa de vocês. Renova as energias, a esperança e assim como o Nando

Reis traz na música que consta na playlist do nosso Regional Sul: apesar de todo esse lado assustador de 2020 vocês nos auxiliam a seguirmos tendo e mantendo o nosso Rock'n Roll psicanalítico. E ainda, como coloquei num escrito para a própria ABC: “não podemos nos esquecer que muito da disciplina da qual nos nutrimos foi desenvolvida no período durante e pós guerra.”

Quero encerrar com duas citações. O trecho de uma música que me toca profundamente do Oswaldo Montenegro, pelo qual confesso minha admiração pela forma como transcreve sentimentos pela arte e um escrito do nosso querido David Zimerman para os Jovens Analistas em “Uma carta íntima para os leitores que estão se iniciando como terapeutas psicanalíticos”. Diz ele:

“Esteja preparado: você pessoalmente, assim como seus pacientes, a sua instituição e também a própria IPA passarão por sérias fases de crises. No entanto, não se preocupe em demasia, pois é sabido que as grandes transformações se formam em situações de crises em seu apogeu. Para tanto é necessário que haja uma escuta adequada, que permita refletir depressivamente sobre os problemas, além de uma capacidade para sentir e conter sentimentos e fatos dolorosos, de modo a poder crescer com as experiências.”

E por fim deixo a poesia/ música de Oswaldo Montenegro:

*Leo e Bia*

“ No centro de um planalto vazio  
Como se fosse em qualquer lugar  
Como se a vida fosse um perigo  
Como se houvesse faca no ar  
Como se fosse urgente e preciso  
Como é preciso desabafar  
Qualquer maneira de amar varia  
E Léo e Bia souberam amar  
Como se não fosse tão longe  
Brasília de Belém do Pará  
Como castelos nascem dos sonhos  
Pra no real, achar seu lugar  
Como se faz com todo cuidado  
A pipa que precisa voar

Cuidar de amor exige mestria  
E Léo e Bia souberam amar”

Que possamos seguir cuidando com amor de nós, nossos familiares, pacientes, pares. Que esta marca de 2020 nos propicie crescimento suficiente para que as tantas fendas que nos tem sido impostas e estamos tentando alinhar possam ser por nós costuradas de forma a se transformarem em nossa marca criativa, nascida desse tempo.

Obrigada!